

O BINOCULO

PERIODICO HUMORISTICO E NOTICIOSO

Num. do dia
100 réis

Num. atrazado
200 réis

REDACTORES DIVERSOS

ESTADO DE SANTA CATARINA

ANNO I

Florianopolis — Domingo, 20 de Abril de 1902

N.º 2

COMO NOS RECEBERAM

Fomos muito bem recebidos, não só pelos nossos confrades, mas também pelo benevol publico desta capital.

Com ufania o declaramos.

Esta recepção, que muito nos penhorou, nos servirá de estímulo, de incentivo para continuarmos na rota que nos traçamos.

Não nos importaremos com os espinhos, que soem ferir aquelles que, como nós, dão os primeiros e vacillantes passos nessa estrada tão cheia de dificuldades—a do journalism.

Não esmoreceremos na lucta.

Pequenos embora, havemos de ter o valor preciso para superar todos os obstaculos, vencer todos os obices, que por ventura apparecerem—consequindo, afinal o nosso *desideratum*.

O NOSSO APPARECIMENTO

Os nossos collegas diarios assim se exprimiram, dando noticia de nossa vinda ao mundo jornalístico :

«O BINOCULO—Recebemos hontem o primeiro numero deste pequeno jornal humoristico e noticioso

Vida longa é o que lhe desejamos »

(O Estado).

«O BINOCULO—Conforme noticiamos appareceu hontem á luz da publicidade O Binoculo, periodico humoristico e noticioso, que promette ser util a todos, e severo e imparcial nas discussões.

Ao novel collega—longa vida desejamos »

(O Dia).

Só a Republica não se dignou noticiar o nosso modesto apparecimento.

Ingrata !...

SATISFEITOS !



Estamos rebrandando de contentamento.

O nosso apparecimento deu no gotto de todo o mundo.

A nossa edição exgottou-se.

Bravo !

E os cobrinhos só a cahirem nas nossas varias algibeiras !...

Na noite do dia em que sahimos á rua, no café do Mangona, na confeitaria Savedra, no jardim da praça, por toda parte enfim, eram vistos homens e mulheres, moços e velhos com O Binoculo na mão !

Isto nos agradou bastante.

E nos fez arregalar o olho !

Razão porque hoje nos apresentamos encasacados, com a cartola no alto da synagoga, de bengala em punho, fumando excellente charuto, comprado na bem montada charutaria do barrigudo Hespanha, que não sendo filho da terra de Cervantes, é no entretanto conhecido por Hespanha.

E fique certo o caro leitor que havemos de caprichar, afim de darmos d'aqui em diante, succulentas e dezopilantes edições.

CONDOLENCIAS

Joven, bem joven na flor da idade
Quando dos seus recebia beijos
Foi atacado de *pindahybite*
E devorado por carangueijos.

Aos palhocences as condolencias,
D'aqui envio com magoa e dôr,
Pelo desastre não esperado
Da infausta morte do Lidador !

Puf.

DESLEIXO

Pedimos ao sr. Superintendente municipal que lance suas vistas para o jardim Almirante Gonçalves, que parece não ter quem delle cuide.

Além da maior parte dos canteiros estar com a gramma muito crescida, requerendo, por conseguinte, a passagem da thesoura do jardineiro, vê-se, quasi junto a uma figueira, que ali existe, um grande monte de cisco.

Um pouco de boa vontade, lará desaparecer tudo isso, que nada abona aos que têm por dever, desempenhar as funções dos cargos que exercem.

—§§§—

FALLECIMENTO

Na capital federal falleceu o nosso joven e esperançoso conterraneo Fernando Wendhausen

A' sua respeitavel familia enviamos sentidos pezames.

—§§§—

ALMA PENADA



A alma do outro mundo tem dado que fazer.

Uma destas ultimas noites, sabe o leitor o que ella fez?

Para não deixar dormir as pessoas que moram no predio *assombrado*, levou até alta noite, a bater com uma caneca de folha n'um pote vasio, que n'um *momento* se achava encostado a um canto da cosinha.

Enão foi nada, e foi muita cousa.

Não foi nada porque o pote ficou inteiro, mas foi muita cousa porque, si o dono da casa ficando com o pote inteiro não gastou alguns nickels com a compra de outro, teve de os gastar comprando uma vela de cêra para a sessão.

—Uma vela de cêra para a sessão? perguntará o leitor.

—Sim, sr. Para accender a S. Roque na noite seguinte, em que o Theodoro, com o seu espiritismo, entrou em dança.

A cousa foi assim:

Na noite seguinte áquella em que a *alma penada* regalou-se em fazer do pote bombo e da caneca maceta, chamaram o Theodoro, excellent *medium*, que tem uma maneira, só delle conhecida, de invocar espiritos.

O *medium* levou um registro de S. Roque, collocou-o sobre uma pequena mesa, acendeu a vela de cêra que fura comprada com antecedencia, pôz-a junto ao santo, empunhando um lapis, tendo meia folha de papel na sua frente, fez a invocação.

O espirito obedecendo a esse *irredutível* chamado, apresentou-se

O Theodoro nervoso, com a bocca encanarada, as venias dilatadas, os olhos arregalados, suando em bicas, encheu o papel de garatujas.

Ao acabar de escrever, desapareceu, como por encanto, a careta medonha do *medium*, que leu em voz alta o que o espirito escrevera:

—N'esta casa ha dinheiro enterrado. Procurem n'ò. Quando for achado, dividam n'ò em tres partes e distribuam da seguinte maneira: duas partes deem ao Theodoro (que não é de ferro) e a outra ao João.

—E a mim o que toca? perguntou o dono da casa.

—Ao sr., respondeu o *medium*, um par de... oculos de baeta!

E no meio de um medonho charivari foi suspensa a sessão.

Companhia Infantil-Juvenil

Esta companhia, que tentos applausos tem colhido do nosso publico, levou a scena, quinta-feira ultima, o drama *Electra*.

Todos os artistas conluziram com excellençia, os papeis de que se encarregaram, sobresahindo Manoelita Fernandes, que no papel de protagonista revelou os dotes artisticos que possui, dando-nos uma ingenua perfeita, completa.

—Com as zarzuelas *Como está la vida*, *Quien fuera libre* e *El grito* fizeram nos hontem, esta companhia mais um espectáculo, que muito agradeceu.

—§§§—

EPIDEMIA

Na capital da Republica appareceu a febre amarella, que muitas victimas tem feito.

E' caso do nosso governo tomar as medidas necessarias medicas, a fim de evitar esse mal aporte a estas plagas.

DE CANNIÇO...

Mais vale um gosto que quatro vintens

E' por isto que não me adiriro vendo uma pessoa comer linguica crua



e em seguida tomar um copo de vinho virgem, sem se impertar com os cobres que gastará, com medico e remedios, si lhe sobrevier alguma indigestão.

Não me surpreheendo, tão pouco, quando ouço o violão acompanhando a voz de algum namorado, que canta modinhas, ao luar, junto á janella da *pequena*, que, no val das lençoes, dorme a somno solto, enquanto o *sem ventura* *esquella-se*, arriscando-se a apanhar forte constipação.

Mas... mais vale um gosto...

Éa proposito vou contar ao leitor um caso, que me parece, unico no genero

Conheci dous rapazes que apaixonaram-se por duas *senhoritas salerosas*, sympathicas, attraentes, seductoras, etc. e tal...

Escreviam-lhes cartinhas cheias de pitases assucaradas, offertavam-lhes bouquets de flores naturaes com feitiços de caruxos, davam-lhes broches com os nomes das escolhidas de seus corações; passavam milhares de vezes pela porta das ditas, como fazia no seculo passado o general Bum-bum; atiravam-lhes olhares ternos; enfim faziam o diabo.

—Porque não se casam? perguntou-lhes um dia, um amigo.

—Não nos achamos com coragem. Es-tamos empregados, é verdade, mas é o mesmo que si não estivessemos, porque extra mez e sahe mez, e os or enados... *como por um ocido*.

Dão-nos muitas esperanças, quando pedimos que, por favor, nos pague um mez de mais, mas o cobre não sahe e vossé sabe que com esperanças não se compra *coisa*.

É por issó que vivemos assim... apaixonados, sem podermos-nos ligar ás *coisas pequenas*.

E o tanto penar, tanto soffrer contínuo por muito tempo.

Uma noite os dous heroes combinaram-se para dareo um pequeno descante *para a casa das suas ellos*.

Arranjaram o violão do Mendonça e depois do toque do silencio, lá se foram rua à fóra, em direcçac ao ponto predilecto.

Ahi chegados collocaram-se debaixo de uma janella.

Afinaram o instrumento e agora o ve-rás

Depois dos preludios do violão, principiou um delles a cantar:

«Nas horas mortas da noite

Como é doce o meditar...»

O trovador de esquina neste punto é interrompido por um bocado de liquido que da janella jogam-lhe em cima e enchendo-lhe a bocca, quasi o afoga.

O tocador do violão pergunta ao cantor:

—A noite está tão bonita, como veio esta chuva agora?

—Não é chuva. Tem cheiro de... outra qualquer cousa, menos de agua.

—Ah! então é... E agora?

—Agora, diz o outro, é metter o violão debaixo do braço e pormo-nos ao fresco.

E assim o fizeram, dizendo:

—Molharam-nos, é verdade, mas tambem, bebemos agua, um tanto salgada, porem gostosa.

E' por isso que digo: mais vale um gosto que quatro vintens.

TURIBIO.

ENFERMO

Acha-se doente, ha dias, o sr. Francisco de Assis Costa, proprietario do *Sul-Americano*.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

—§§§—

PROTESTO

Veio hontem á nos-a redacção um sr. *Carangueijo* bem apumado, protestar contra a noticia, que demos em o nosso primeiro numero, do desastre occorrido na Pathoça, com o pequeno «Lidador», dizendo-nos que o mesmo fóra victima de *pindehybite aguda*.

Quanto ao que dissemos sobre os quatro carangueijos estarem atracados ao umbigo do *pequenote*, não protestou.

Logo, é *hero*!

Coitadinho!!!

COIÓS



Dessa vez, a scena teve lugar na Confeitaria Brazil, nos baixos do sobrado em que se acha estabelecido o *Suvedrá* com um grande hotel, que tambem tem aquelle nome.

Como os *leiteiros* (quero dizer-leitores) sabem e têm visto, o Affonsinho e o Zé Moritz são dous *partidarios intransigentes* de uma das *niñas* que fazem parte do grupo de *guris* que actualmente se exhibem no ex-Santa Izabel.

Pois não lhes conto nada...

Este seu criado Mathias, que pelo nome não se perca, na tarde de um dos dias da semana que hontem desapareceu na noite dos tempos, voltava muito tranquillamente de uma excursão que fez pelos quatro cantos desta ilha dos casos raros, quando ao chegar à praça já citada vio grande *massa do povo popular* (*santo Agostinho, capitulo vi*) em frente à confeitaria.

Movido pela curiosidade e mesmo por ser tão activo como o activo *reporter do Badalo n. 1*, procurei conhecer de visu a causa daquella *pasmaceira*...

Ao approximar-mê, ouvi choro, suspiros, lamentações...

A muito custo consegui penetrar na confeitaria e fiquei estatelado, boquiaberto...

Sabem os leitores o que vi?

Vi o Affonsinho e o Zé Moritz, como uns allucinados, a fazerem declarações amorosae á uma *photographia* que, diziam os entendidos em negócios de *engrossamento*, representava a *guri* por quem elles e muitos outros bebem os ares.

Foi uma scena ridicula aquella... os espectadores riam á bandeiras despre-

gadas e os dois *coiós* envergonhados do papel tristissimo que tinham tido, deturpados de Villa Diogo apupados pela garotada que gritava-lhes:

—Estão mortos!

E de facto, a continuar aqui o grupo da *gurisada*, em breve teremos de lamentar o suicidio de algum *coiô* *sem sorte* que, não podendo mais supportar o fogo intenso da paixão que o devora, atirar-se-ha do trapiche municipal de cabeça para cima, com as mãos tapando os ouvidos, como faz o macaco quando cae ao rio que atravessa.

BILSTEL.

DE VIAGEM



Seguiu ante-hontem para a cidade de Lages, o *Junpaguei Saldanha*.

Dizen, que ao passar pela rua Altino Corrêa, mettido n'umas botas, de esporas, de lenço ao pescoço e de pistola e faca á cinta, alguem não o conhecendo, exclamara:

—Olha um *boer*

—Não, não é *boer*, é o Saldanha.

—O' Saldanha, pareces um *arsenal ambulante*! Onde vais armado em guerra, vestido de ponto em branco?

—Vou p'ras Lages—respondeu elle. Vou ver se arranjo um logar de professor municipal. Ando aqui á matroca e por isso mettu-se-me na *teia*, ir p'ra riba da serra.

—E fazes bem. Muito lucrará a instrução si conseguires o que desejas.

—Obrigado. Adeus.

E lá se foi o Saldanha, arrastando as esporas.

—888888—



Manhã do dia 16 de Abril

No canto do Garofallis:

—Resolveram fazer a festa do E. S. hoje, ou mudaram a capellinha?

—Não, que eu saiba. Porque perguntaram?

—Pois não vês a barraquinha armada em frente aquelle sobrado?

—Aquillo não é barraquinha. Foi a *luminaria* que emprestou os *troços* do *drum* para enfeitarem a frente do club.

—Ah!...